

SOBRE A MESA DE ALTAR PALEOCRISTÃ

LICÍNIA CORREIA WRENCH

Instituto de História da Arte – FCSH/UNL

Isidoro de Sevilha fazia derivar o vocábulo *ALTARE* dos dois termos latinos aglutinados: *alta ara* (*Etym.* XV 4, 14).¹ Assim, no século VII, já se perdera por completo a conotação pagã que os dois vocábulos latinos *altare* e *ara* ou os seus correspondentes gregos haviam tido para os autores cristãos dos primeiros tempos, conotação que os levava a evitá-los ou a procurar um novo sentido para eles. As palavras que primeiramente designavam o altar, exclusivamente reservado ao culto dos deuses superiores (*altare*) e o altar, mais modesto, para as libações aos defuntos (*ara*),² associando-se, ao primeiro, o *sacrificium* de uma vítima animal, passaram também a ser usadas pelos cristãos, mas com um sentido ligado ao seu próprio conceito de “sacrifício”: o *altare* era o lugar simbólico da refeição eucarística, oferecida a Deus como memória de um Sacrifício que superara todos os anteriores.

É Tertuliano, no século II, um dos primeiros autores de língua latina a usar as designações de *altare* e de *ara*³ para o local da oblação eucarística. Tal como para a designação latina dos dias da semana com os nomes dos deuses pagãos que este autor, com grande tolerância, considerava poder um cristão usar sem abnegar da sua fé, já que ela fazia parte do léxico latino corrente,⁴ também o vocábulo *ara* é por ele empregue, atribuindo-lhe o sentido cristão com o modificador “de Deus”, *ara Dei* e *altare* como designação da “mesa do Senhor”. Assim, a *ara* e o *altare* cristãos são as palavras nas quais perpassam vários sentidos que, embora ligados a funcionalidades e referentes materiais continuadores dos pagãos, se apresentam como novos: o do culto aos mortos imolados por Cristo, com a refeição funerária comemorativa do aniversário dessas mortes originárias de uma nova Vida, o de ágape litúrgico, que se relaciona estreitamente com a memória da morte/vida de Cristo, preanunciada na Última Ceia e se identifica com a celebração eucarística (1 Cor 11, 20-21).

No contexto da arquitectura religiosa judaica, no Templo de Jerusalém, o *altare* é o lugar dos holocaustos, hóstias e oblações, como é referido na Carta aos Hebreus (Heb 10, 8), mas na mesma Carta se afirma que o *altare* é também pertença dos cristãos (*Habemus altare* (Heb 13, 10)), palavra usada aqui, possivelmente, numa acepção figurada. Na 1ª Carta aos Coríntios, o Apóstolo Paulo designa a realidade material do lugar da Oferta como a “mesa do Senhor” (*Mensa Domini* (1 Cor 10, 21))⁵ e Ireneu de Lião declara que o sacrifício do pão e do vinho devem ser oferecidos, frequen-

1. “*ALTARE autem ab altitudine constat esse nominatum, quasi alta ara*” (cf. OROZ RETA & MARCOS CASQUERO, 1994: 240-241).

2. Cf. LECLERCQ, DACL, tomo I, AUTEL, col. 3155.

3. Tertuliano, *De Oratione*, c. XIX, P. L., t. I, col. 1182 e *De exhortat. Castit.*, c. X, P. L., t. II, col. 974, *ara Dei* e *altare*, respectivamente (cf. LECLERCQ, DACL, col. 3157, n. 13 e col. 3158, n. 21).

4. Tertuliano, *De Idolatria*, c. XX. Excerto do texto traduzido por LECLERCQ, DACL, JOURS DE LA SEMAINE (Les), col. 2737. Tertuliano, ainda que considere mais apropriado o uso da designação cristã dos dias, enumerando-os a partir do “Domingo” e justapondo ao número de ordem de cada um a palavra *feria*, festa, como expressão do júbilo da Ressurreição, por exemplo *quarta feria*, admite que os cristãos os designem como os dias de Mercúrio, de Júpiter, etc. Sobre este tema e sobre a permanência, na língua portuguesa, da designação cristã dos dias da semana, tivemos oportunidade de fazer um estudo mais aprofundado em WRENCH, 2002: 707-716.

5. Cf. MACIEL, 2005: 25, n.135; 28, n.181; 29, n.195).

6. *Contra hæreses*, I. IV, c. XVIII, n.6. P. G., t. VII, col. 1029 (cf. LECLERCQ, DACL, AUTEL, col. 3156, n.6).

7. Cf. LECLERCQ, DACL, AUTEL, col. 3156-3158, com respectivas notas. Por exemplo, em língua grega, S. João Crisóstomo usa as expressões “a mesa” ou seja, a “mesa por excelência”, e “mesa sagrada”, respectivamente em *Homil. III, In Epist. ad Ephes.* e *In Matth.*, homil. LXXXII, n. 2, P. G. t. LVIII, col. 739; S. Gregório de Nazianzo usa a de “mesa mística” em *Carmina*, I. II, sect. I, 12, P. G., t. XXXVII, col. 1161; em língua latina, o termo *altare* é usado, entre outros autores, por S. Ambrósio, *De virginitate*, XVIII, n. 119, P. L. t. XVI, col. 384, por S. Agostinho, *Contra Faustum*, I. XX, c. XXI, P. L. t. XLII, col. 384 e por Prudêncio, *Peristephanon*, I. IX, vs. 100, P. L. t. LX, col. 442.

8. Imagem reproduzida em GRABAR, 1966: 107, fig. 105, representação do Banquete eucarístico com participantes reclinados em *stibadium* e LECLERCQ, DACL, col. 3159, fig. 1123, representação de outra cena pintada na mesma Capela em que se vê uma pequena mesa de tampo circular sobre três pés, na qual se dispõem as oblatas, junto à qual se encontram as figuras de um ofertante e de uma orante.

9. Prudêncio, *Peristephanon.*, t. 10, vs. 49, P. L., t. LX, col. 448. (cf. LECLERCQ, DACL, col. 3157, n.20).

10. “*neque ad altare cum oblatione esse recitandum*” (cf. PUERTAS TRICAS, 1975: 80, 5. ALTARE).

11. S. Agostinho, *In Joh.*, tr. XXVI, n.11, 15, P. L., t. XXXV, col. 1611, 1614. (cf. LECLERCQ, DACL, col. 3158, n.25).

12. *Perpetuus*, bispo de Tours, construiu uma basílica em honra de S. Martinho que tinha “*fenestras in altario triginta duas, in capso viginti*”. Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, I. II, c.XIV, P. L., t. LXXI, col. 212. (cf. LECLERCQ, DACL, col. 3158, n.25. H. Leclercq refere a interpretação de outro autor para *altarium* como sendo o *presbyterium* e *capsum* a nave).

13. “*Quod intra altare neque laici neque mulieres communicare iubentur*”. No mesmo cânon se refere este espaço como *sanctuarium altaris*, (cf. PUERTAS TRICAS, 1975:80).

temente, sobre o altar.⁶ A mesa do Senhor é, assim, o “novo altar” e posto que os sacrifícios cruentos haviam sido abolidos pelo sangue de Cristo, é sobre ele que se coloca o pão a ser repartido pelos que acreditam na transubstanciação e que junto à “mesa” se reúnem, como participantes da refeição sagrada (Ac. 20, 7). Poder-se-á dizer que, neste contexto do paleocristianismo, a designação de “mesa” aludirá mais a uma função do que propriamente a uma forma. O altar tem “função de mesa” no acto da *fractio panis* que repete o acto da Última Refeição, no contexto doméstico do *triclinium/cænaculum* (Lc. 22, 14-21).

Mesas de altar/Mesas eucarísticas

A partir do século III e sobretudo no IV, os autores cristãos de língua grega e latina preferem designar o local da função eucarística por mesa (τράπεζα) e altar (*altare*) no sentido de *mensa Domini*,⁷ na linha de pensamento expresso pelo Apóstolo Paulo (I Cor 10. 21) ou por Tertuliano. Os testemunhos materiais e as fontes escritas sobre a forma específica do altar paleocristão são quase inexistentes, o que se explicará em grande parte pelo facto de, nesta época, ser mais importante salientar a dignidade da nova função e também porque o local onde se dispunham os elementos da Oferta poder ser uma pequena mesa, igual a tantas outras de uso quotidiano, como aparece representado numa pintura das catacumbas romanas de S. Calixto, Capela dos Sacramentos, da 1ª metade do século III.⁸

O poeta Prudêncio, no século V, alude concretamente ao referente material *altare* dizendo que este tinha uma *ara* como base (*altaris aram funditus pessundare*),⁹ o que nos sugere a sua elevação, exprimindo assim um conceito de *altare* como *alta ara*, ideia que, posteriormente, Isidoro de Sevilha reproduz na etimologia dada à palavra. Pela mesma época, no cânon XXIX do concílio de *Iliberis*, se alude ao altar, lugar do sacrifício da missa, como uma realidade material,¹⁰ e Agostinho de Hipona usando o vocábulo *altarium*¹¹ designa a parte superior do altar, aplanada, em forma de mesa. *Altarium* é também a área circundante da “mesa eucarística”, como é referido por Gregório de Tours ao indicar as trinta e duas janelas que se abriam neste espaço, em uma basílica mandada construir na sua cidade, em honra de S. Martinho.¹² Esta ideia de altar/santuário (*sanctuarium altaris*) é a que, também no século VI, aparecerá testemunhada nas disposições do cânon XIII do I concílio de Braga (ano de 561), relativas à interdição do acesso ao espaço da comunhão.¹³

A mesa eucarística, que também se associou, nos primeiros tempos do cristianismo, ao túmulo de um mártir, facto que terá contribuído para a divulgação do fabrico de altares em pedra, foi, ao longo da Antiguidade Tardia, adquirindo diferentes formatos e várias localizações no espaço da igreja, tanto no mundo cristão do Oriente como no do Ocidente. A forma do altar, bem como a sua fixação espacial só irão encontrar na igreja romana da Contra-Reforma, no século XVI, um modelo definido, muito elaborado – altar-e-tabernáculo, e uma fixação que se estabilizou ao fundo da abside (ROQUE, 1999: 36-46).



FIG.1 MÉRTOLA (LOPES, 2003:75, N.148).



FIG.2 SINES (MAS).

14. “*Ut altaria nisi lapidea chrismatis unctione non sacrentur*” (cf. LECLERCQ, DACL, col.3161, nota 1 e col. 3168, n.16).

15. Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, l. IX, c. XV, P. L., t. LXXI, col. 493 (cf. LECLERCQ, DACL, col. 3175, n. 1). Sobre esta morfologia de altares, o autor indica as seguintes fontes escritas: Eusébio, *Hist. Eccles.*, l. X, c. IV, P. G., t. XX, col. 848 ss; Socrate, *Hist. Eccles.*, l. I, c. XXXVII; l. VI, c. v, P. G., t. LXVII, col. 173, 673; Synesius, *Catástasis*, P. G., t. XLVI, col. 1570: *Sacras columnas amplector quae puram et incontaminatam a terra mensam sustinent*. O autor refere ainda um exemplo de Lamiggiga, na Argélia, de duas placas a servirem de suportes à mesa de altar, retirado de *Mel. d’arch. et d’hist.*, 1894, t. XIV, p.517.

16. Cf. LECLERCQ, DACL, col. 3184; col. 3169, fig.1129.

17. S. Gregório de Nissa, *In baptism. Christi*, P. G., t. XLVI, col. 581. (cf. LECLERCQ, DACL, col.3168, n.12).

Se o uso da pedra para o fabrico das mesas eucarísticas se expande a partir do século IV, o da madeira, divulgado desde os inícios do cristianismo, mantém-se ao longo da Antiguidade Tardia e mesmo bastante posteriormente, como testemunham variados documentos. A exigência de altares de pedra e, conseqüentemente, a proibição do uso da madeira, expressa no cânon XXVI do concílio havido em 517 na pequena cidade galo-romana de Epaona,¹⁴ é prova da existência de altares feitos com este material. Desde o século IV, os altares de pedra, geralmente fixos ao pavimento, com forma de mesa, apresentam três tipologias fundamentais: um tampo, placa, assente em quatro pilaretes, como pés; uma placa assente, ao centro, sobre um pilarete ou colunelo, pé único; um tipo misto de suportes nos ângulos e um ao centro da placa. Um tipo menos comum terá sido uma placa colocada horizontalmente, assente sobre outras placas colocadas verticalmente. Este tipo de altar será mais antigo e designava-se como *arca*.¹⁵ Em época mais recente, mas ainda antiga, colocou-se entre os pilaretes de suporte da mesa, frontalmente, uma placa de pedra, *fenestela confessionis*, que poderia levar motivos vazados, sendo exemplo desta morfologia o altar da Basílica de Santo Alexandre, na via Nomentana, em Roma, que poderá remontar ao século V.¹⁶

No que respeita aos testemunhos materiais de mesas de altar provenientes de território português, da Antiguidade Tardia, debatemo-nos com uma série de questões, cujas respostas ficarão apenas no levantamento de hipóteses.

É de estranhar que exista um número bastante significativo de suportes, considerando somente os que indubitavelmente desempenharam esta função e colocando como hipótese remota uma série de colunelos, pilaretes e pilarzinhos que também poderiam ter servido de pés a mesas eucarísticas, e mesas de pedra relativamente poucas, sendo mesmo bastante duvidosa esta função para as existentes. Teriam sido de madeira estes tampos de mesas, ainda que colocados sobre suportes de pedra? Ou, se de pedra, simples placas sem qualquer decoração que, pela sua trivialidade, foram posteriormente reaproveitadas ou simplesmente rejeitadas, sem deixarem rasto? Para a hipótese do uso de “tampos” de madeira sobre suportes de pedra, poder-se-á considerar que, afinal, estes últimos eram os elementos fundamentais, mais visíveis e portadores de uma carga simbólica considerável, funcionando como “sustentáculos”. A Cruz que em quase todos eles figura, quando eram o único ou o principal suporte do tampo, sacralizava e dignificava de imediato este elemento do mobiliário litúrgico, bem como os temas decorativos alusivos à Videira/árvore da Vida, se os suportes eram pilaretes em mesas de quatro pés. Se as mesas de altar foram, na sua maioria, simples placas de pedra, este tipo entraria na ideia expressa por S. Gregório de Nissa, quando diz que o altar é de sua natureza uma pedra comum, semelhante àquela que entra na construção das casas.¹⁷ Tanto uma como outra hipótese poderão justificar de algum modo a quase ausência de indubitáveis mesas eucarísticas: irreconhecíveis ou reaproveitadas as de pedra, sem estar marcada a sua funcionalidade por decoração com simbolismo específico, extintas as de madeira, porque material perecível. O uso de altares com este tipo de tampos poderá ter-se mantido ao longo da Antiguidade Tardia, pelo menos na região da Lusitânia, pois que os testemunhos da capital da diocese emeritense são também quase nulos e duvidosos (CRUZ VILLALÓN, 1985: 219-231). Acrescente-se ainda ao



FIG.3 E FIG.4 BEJA (MRB, NV).



FIG.5 ARRANAS (MAEDS).

facto da existência de “mesas de altar” com tampos quer de madeira quer de pedra, simples placas incaracterísticas, o de estes tampos poderem ser cobertos por panos e, estando tapados, não precisarem de qualquer ornamento. O costume de adornar os altares com toalhas é referido por S. Bráulio numa das suas epístolas. Diz-se ainda que S. Frutuoso, num momento de penitência pessoal, mandou desnudar os altares da igreja.¹⁸ Também num documento anónimo do século VIII, em que se dá *Instrução* aos membros do clero, se adverte “que o altar seja coberto com toalhas limpas”.¹⁹ A prática de estender sobre o altar o corporal, por vezes designado *palla corporalis*, de puro linho, designação que é também usada para os panos que cobriam as oferendas, encontra-se atestada para o Egipto, Gália, África, Roma e na Hispânia, em época tardia bastante avançada.²⁰ Nos antípodas dos altares “simples pedras comuns” e dos “lintéis” para os quais a principal exigência era a de estarem limpos, lembre-se, de época justiniana, a empolada descrição, feita por *Paulus Silentarius*, do altar em ouro cravejado de pedras preciosas da Igreja de Santa Sofia em Constantinopla e do riquíssimo pano que o cobria, bordado a púrpura e ouro.²¹

Mesas de altar em pedras nobres, decoradas com escultura mais ou menos relevada nas espessuras ou em faixas circundantes dos tampos, são testemunhadas em diferentes locais da bacia mediterrânica, nomeadamente no Egipto, em África ou na Gália, predominando no Ocidente as formas rectangulares e no Egipto as sigmáticas. Da actual região da Provença e no vale do Ródano recolheram-se algumas placas/mesas de altar, cronologicamente integráveis entre os séculos IV/V e segunda metade do VII, na sua maioria em mármore, rectangulares, com decoração relevada nas espessuras, cujas dimensões variam entre 1, 78 × 1, 12 (da Abadia de Saint-Victor de Marseille, meados do século V) e 1, 02 × 56 (de Saint-Pierre d'Auriol, Bouches-du-Rhône) (METZGER, 1991: 262, fig. 1-4). Alguns exemplos de mesas de madeira rectangulares, provenientes de basílicas africanas, apresentam grandes dimensões, como a da grande basílica de Morsott, um rectângulo de 2, 79 × 1, 28.²²

18. “De vestiendo autem altari, seu vela mittenda hoc usus ut iam declinante in vesperam die ornatur ecclesia (...)”, S. Bráulio, Ep. XIV, P. L., 80, cols. 661-2; “Quod cum huic beatissimo conpertum est, statim tulit ecclesiae vela, et sancta nudavit altaria (...)”, Vita Sancti Fructuosi, c. IV, p.93 (cf. PUERTAS TRICAS, 1975: 81-83 ALTARE; Ap. B, nº 113, p.220 e Ap. B, nº 202, p.239).

19. Referência dada por ROQUE, 1999: 26, n.30: *Anonymi Saeculi VIII, Patrologia Latina*, XCVI, 1375, “Commonitorium cujusque episcopi ad sacerdotes subditos sibi ceterosque ministros cujuscunque ordinis ecclesiastici”. Uma das instruções: “Altare sit coopertum de mundis linteis”.

20. Cf. LECLERCQ, DACL, t. XI, MESSE – LA MESSE MOZARABE, col. 674-690, p.678. O autor indica reproduzir a notícia de Dom CABROL, em 1930, *Dictionnaire de Théologie Catholique*.

21. Paulus Silent., *Descriptio S. Sophiae*, édit. Bona, vs. 758, 802 (cf. LECLERCQ, DACL, col. 3171, notas 5, 7).

22. Cf. LECLERCQ, DACL, AUTEL, col. 3179.

23. Cf. PÉTRIDÈS, DACL, t. I, ANTIMENSION, col. 2319-2326; LECLERCQ, DACL, AUTEL, col. 3187. Considera este último autor que existem fontes escritas anteriores ao século VIII conducentes à ideia do uso de altares portáteis. Refere como seu possível testemunho material mais antigo o encontrado junto aos ossos de S. Cuthbert.

(† 687), na catedral de Durham e conservado na biblioteca do capítulo (n. 7: cf. James Raine, *S. Cuthbert*, in-4º, Durham, 1828, p.200). O mesmo autor refere-se também a altares portáteis nas Catacumbas, col. 3165.

24. Segundo LECLERCQ, DACL, AUTEL, col. 3185-3187, o uso de vários altares na mesma igreja estabeleceu-se, no Ocidente, a partir dos finais do século VI, apontando entre outros testemunhos escritos o de Gregório de Tours ao referir-se à igreja de Braisne, perto de Soissons, com três altares (n. 17: cf. G. de Tours, *De gloria martyrum*, l. I, c. XXXIII, P. L. t. LXXI, col. 734).

25. A hipótese, colocada pelo autor, de mesa auxiliar, levaria à integração cronológica desta peça em época posterior ao século VIII, pois que o uso de credências parece bastante tardio. Mais do que um altar na mesma catedral seria uma hipótese pouco provável, de acordo com as fontes escritas hispânicas.

26. Poder-se-á contestar a função desta concavidade por ela ter apenas 1cm de profundidade. A existência de um *loculus*, geralmente talhado nas superfícies dos suportes mas também nas próprias mesas de altar, para guardar as relíquias dos santos aos quais as igrejas eram dedicadas verifica-se com a expansão das comunidades cristãs, depois da paz constantiniana. Segundo LECLERCQ, DACL, col. 3170-3171, na ausência de relíquias corporais podiam colocar-se no *loculus* restos de tecidos que tivessem tocado o túmulo do mártir (*brandea*) ou apenas fragmentos dos Evangelhos ou hóstias consagradas.

O poeta Prudêncio, séculos IV/V, refere “um altar que dá descanso aos ossos santificados do mártir Vicente” em *Peristephanon*, V, 513-20 (cf. PUERTAS TRICAS, 1975: 80, ALTARE e Ap. B nº 9, p.205). A expressão que o poeta usa, *mensa adposita*, pode sugerir, porém, que a “mesa” estava adossada ao túmulo do mártir (cf. LECLERCQ, DACL, col. 3166).

27. Cf. METZGER, 1991: 261, fig. 2 a. A decoração da faixa envolvente do bordo superior do tampo compõe-se de folhagem simples.

28. Relativamente à placa com estrias paralelas desenhando uma cruz (fig. 181), o autor coloca a hipótese de se tratar de uma mesa de altar, dada a semelhança com a mesa de altar de Alcandete.

Tem-se colocado a questão das dimensões relativamente às possíveis mesas de altar provenientes do território português. Na realidade, um suporte único, como seria o caso de alguns dos existentes, não suportaria uma placa de grandes dimensões. Outros, porém, poderiam ter sido usados em conjunto com outros pés, no caso de tampos maiores, ocupando o pé mais decorado uma posição central. Acrescente-se também que não eram necessárias grandes mesas para a colocação das alfaias litúrgicas essenciais. O uso de pequenas mesas auxiliares do serviço litúrgico, nas quais se dispunham alguns apetrechos complementares do acto litúrgico, como jarro com água para a lavagem das mãos ou para misturar com o vinho, ou as oferendas antes da consagração, ter-se-á verificado em época bastante tardia. A pequena mesa substituta da mesa sagrada, que podia designar-se por “antimension” (ἀντιμῆνσιον), ou o “altar portátil”, ter-se-á generalizado somente a partir dos séculos VIII ou IX,²³ não sendo conhecidas fontes escritas hispânicas que se refiram a igrejas com mais do que um altar (PUERTAS TRICAS, 1975: 84 b).²⁴

Sobre a possível mesa eucarística proveniente da Catedral da Egitânia, no MFTPJ de Castelo Branco, nº inv. 94.31, D. Fernando de Almeida considera-a demasiado pequena para esse fim (64, 5 x 41, 5), parecendo-lhe mais adequada a funcionalidade de “mesa de altar portátil” ou a de “*mensula*, pequeno altar colocado à direita do altar-mor”, servindo de mesa auxiliar do serviço litúrgico (ALMEIDA, 1962: 249-250, fig. 385-386).²⁵

Embora pequena, parece-nos que a dimensão desta placa se adequaria à função de mesa eucarística. A concavidade que apresenta ao centro, no reverso, poderá corresponder à zona de encaixe em um suporte, com *loculus* para a colocação de relíquias²⁶ e, assim sendo, a sua função seria mesmo a de altar. A esmerada decoração que apresenta, ainda que de grande simplicidade, também contribui, a nosso ver, para a sua integração na mais importante funcionalidade do acto litúrgico, o ofertório. Ela relaciona-se com a decoração de exemplares integrados na Antiguidade Tardia, como a mesa da igreja de Saint-Marcel de Crussol (Ardèche)²⁷ do século IV/V, a da igreja de Salpensa, de 642 (SCHLUNK & HAUSCHILD, 1978: 63, Abb.42), ou ainda, mais especificamente, com a encontrada em Mértola, que poderá ser datada de entre os séculos V e VII, de acordo com o contexto arqueológico (LOPES, 2003: 75, n. 148). Esta possível mesa eucarística, com decoração afim à da Egitânia, foi encontrada na zona do baptistério paleocristão da acrópole romana de Mértola, dela restando apenas um fragmento de placa rectangular em mármore branco de grão fino, com uma moldura de tipo clássico em forma de meia cana, interrompida por uma “palmeta/flor-de-lis” no ângulo (Fig.1).

Outras possíveis mesas de altar relativamente pequenas serão a de Sines, no MAS, nº inv. 43 (58 cm x 46 cm) (Fig.2), embora a peça esteja truncada, e as placas incrustadas na muralha do Castelo de Tomar, também incompletas, com 40 cm x 35 cm e 60 cm x 40 cm (ALMEIDA, 1962: 212, fig. 181-182).²⁸ Estas placas têm, como a de Sines, decoração muito simples, uma com incisões paralelas na superfície do tampo, dividindo-a em quatro rectângulos e a outra apenas com uma moldura escalonada. As placas com mais de um metro de comprimento, que foram interpretadas como



FIG.6 MÉRTOLA (LOPES, 2003:75).

possíveis *mensae Domini*, duas provenientes de Beja, no MRB, NV (nº inv. MRB. 1. 76 e nº inv. MRB. 1. 46) (TORRES [et al.], 1993: 92; 67)²⁹ e uma de Arranas, no Museu de Arqueologia de Setúbal (ALMEIDA, 1987: 297-298, MES/ALT.3),³⁰ poderiam, quer pelas dimensões quer pela decoração, integrar-se perfeitamente neste tipo de mobiliário litúrgico (Fig.3; Fig.4; Fig.5). A preparação, sobre o altar, das oferendas e a colocação nele de outros objectos sagrados, como a cruz,³¹ pressupõe mesas de maiores dimensões. Embora a decoração patente nestas peças não justifique por si só a sua funcionalidade como mesas eucarísticas, pois que a decoração do espaço da igreja constitui uma unidade na totalidade de espaço sacralizado, a presença da cruz nestes elementos arquitectónicos leva a relacioná-los, se não mesmo com o altar, com um espaço conspícuo, possivelmente o mais próximo ou o do próprio *sanctuarium altaris*. A esta tipologia de grandes *mensae* de pedra acrescentaríamos mais duas peças: uma placa de Torres Novas, no Museu Municipal desta cidade (ALMEIDA, 1962: 250, fig.387) e uma designada “imposta” de mármore, decorada, proveniente da zona do Baptistério de Mértola (LOPES, 2003: 75, fig.48) (Fig.6).

A placa de Torres Novas, de calcário branco (1,44m x 0,77m; 15,5cm de espessura), apresenta características apropriadas à funcionalidade de mesa de altar, com uma faixa exterior periférica, decorada e relevada, em relação à superfície lisa do “tampo”, que apresenta uma inscrição muito desgastada. Pela decoração geométrica da referida faixa, pouco comum na decoração de peças de contexto visigótico, ela poderá ser de época bastante avançada da Antiguidade Tardia.

A peça de Mértola apresenta na espessura frontal uma decoração relevada com o motivo da “grinalda”, que apresenta um paralelo idêntico numa pequena imposta de Torre da Cardeira, Baleizão, Beja, no MRB, NV, nº inv. MRB. 1. 33 (TORRES [et al.], 1993: 38, Nº 8), peça esta que consideramos ter sido talhada a partir de outra, com idêntica decoração à “mesa de altar” de Mértola.³²

Foi ainda atribuída a possível funcionalidade de mesa eucarística à placa, fragmentada, proveniente de Eira Pedrinha, Conímbriga, em posse de um particular (MACIEL, 1996: 184, fig.34b). Com proveniência de território português, poder-se-á considerar este

29. Os autores do Catálogo atribuem à peça com o nº inv. 1. 76 (Cat. Nº 60) a funcionalidade imposta; a peça nº inv. 1. 46 (Cat. Nº 37) foi identificada como friso.

30. A peça nº inv. MRB. 1. 76. foi interpretada como possível mesa de altar por D. Fernando de Almeida (ALMEIDA, 1962: 212, fig. 183), por M. J. Maciel (MACIEL, 1996: 184, n. 1333) e por Maria Amélia Fresco de Almeida (ALMEIDA, 1987: 294, MES/ALT. 1); a peça nº inv. MRB. 1. 46 (Cat. Nº 37) foi interpretada do mesmo modo pelos dois últimos autores atrás citados. Carlos Alberto Ferreira de Almeida (ALMEIDA, 1988: 58) classifica-a como imposta; Maria Isabel Roque (ROQUE, 1999: 72) considera que a dimensão destas peças é exagerada para a sua identificação como mesas de altar, razão que não parece justificar-se pelos testemunhos materiais que sobreviveram, grandes mesas, integráveis cronologicamente na Antiguidade Tardia. A peça proveniente de Arranas, no MA de Setúbal, foi também atribuída a possível função de *mensa Domini* por M. A. F. de Almeida (ALMEIDA, 1987: 297-298, MES/ALT. 3).

As funcionalidades de imposta e friso atribuídas às peças de Beja (inv. 1. 76 e 1. 46, respectivamente) pelos autores do Catálogo (*Núcleo Visigótico*, 1993, Nºs 60 e 37) parecem-nos também perfeitamente justificáveis. A “imposta”, com o comprimento de 1, 16 m, poderia ser do tipo de uma outra de Mértola (TORRES [et al.], 1991, nº inv. MR.IP.0002), embebida numa estrutura arquitectónica para suporte de arco toral, ainda que nos pareça demasiado longa para esta funcionalidade; o “friso” (Cat. Nº 37), com 87 cm x 24 cm x 13, 5 cm), teria dimensões adequadas a esta função, embora a peça não esteja completa e apresente marcas de reutilização posterior.

31. No cânon VI do Concílio de Toledo XVI (ano 693), dispõe-se que se ofereça uma oblação íntegra e especialmente preparada no altar, *supra mensam Domini*. Também na *Epístola ad Leudefredum*, séc. VIII/IX, se refere como uma das obrigações do diácono a de preparar as oferendas sobre o altar. No *Liber Ordinum*, na *Ordo* correspondente às cerimónias que decorriam antes da despedida das tropas e do rei para combate, alude-se à deposição de uma cruz sobre o altar (cf. PUERTAS TRICAS, 1975: 125, MENSA DOMINI e Ap. A, nº 169; p.82, ALTARE, Ap. B, nº 252; p.83, ALTARE, *Liturgia*, Ap. D., nº 34 e p. 105, CRUX, *Liturgia*).

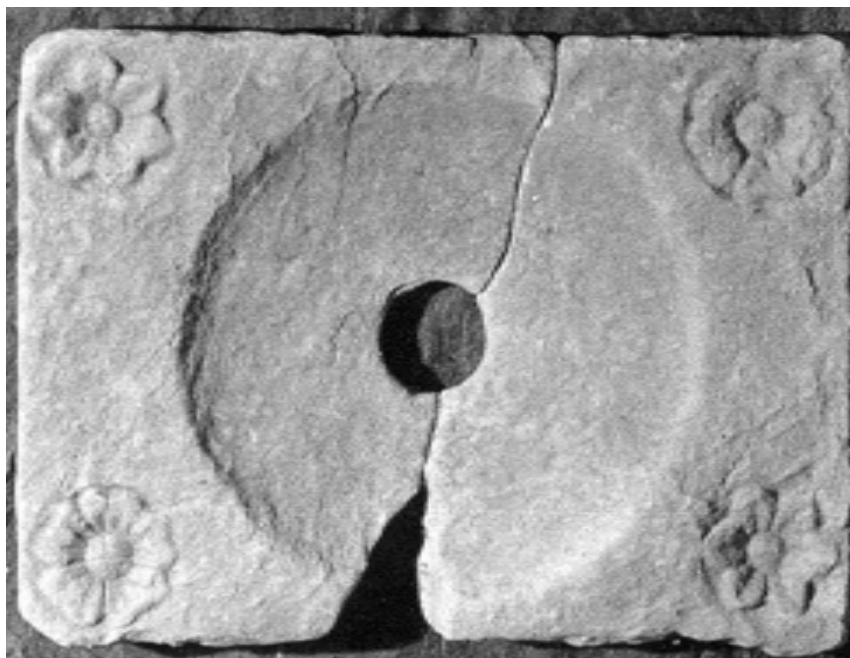


FIG.7 EGITÂNIA (MFTPJ).

32. A imposta de Baleizão foi datada, pelos autores do CATÁLOGO, do séc. IV. Pensamos que esta datação é susceptível de reajustamento para época posterior, séculos VI/VII, considerando ser a pequena imposta uma peça reaproveitada.

33. Cf. ALMEIDA, 1962: 203, fig.121 (“pé de altar”) e p.211, fig.177 (“lintel”); PONTE, 1992: 518, fig.3; REAL, 2006: 133-170, fig.108 (“*transenna*”); MACIEL, 1993, 2º Vol., fig.48 e 1996: 189; 292, nº 97 (“pé de altar”).

34. Dom Fernando de Almeida (ALMEIDA, 1962: 212, fig.184) e M. A. Fresco de Almeida (ALMEIDA, 1987: 175-176, fig.IMP.2) consideram esta peça como “imposta”. Maria Cruz Villalón (CRUZ VILLALÓN, 1985: 371, n.74) refere a decoração desta “imposta” de Elvas como paralelo da realizada em outra de Mérida (nº 253), considerando pouco frequente esta decoração em impostas.

como o mais significativo exemplar, com decoração, que se integra na usada em outras peças deste mesmo Grupo Conimbrigense, tais como um possível pé de altar, também de Conímbriga, uma possível *transenna* de Tomar e os lintéis de Abiul, Pombal.³³ Outro exemplo desta tipologia de “mesa” de pedra, com decoração lateral, poderia ser o de Elvas, com a temática da “videira/Árvore da Vida”, uma cepa aqui tratada com especial esmero e originalidade, que Rui de Serpa Pinto integrou neste tipo de mobiliário litúrgico (PINTO, 1932: 6).³⁴ A dimensão adequava-se à tipologia da pequena “mesa”, bem como a iconografia, parecendo-nos reconsiderar como muito plausível a hipótese de Rui de Serpa Pinto.

Refira-se, finalmente, uma peça proveniente da Egitânia, que, embora não tivesse tido a função de mesa de altar, poderá ter estado associada ao serviço litúrgico, servindo-lhe de apoio.

Trata-se de uma interessante peça, em forma de placa rectangular ou pequena mesa (50cm x 37cm; 5cm de espessura), em mármore branco, decorada nos quatro ângulos por uma pequena “roseta de cariz clássico”. Está depositada no MFTPJ de Castelo Branco, nº inv. 94. 33, sendo desconhecida a localização exacta do achado (Fig.7). Ela parece relacionar-se com o escoamento de água, pois que apresenta uma concavidade central com um pequeno orifício circular. Poderia ter sido usada no contexto doméstico, mas a hipótese de ter sido funcional no contexto litúrgico cristão poder-se-á colocar, uma vez que, tanto nos contextos dos baptistérios como nos dos *diaconica*, para apoio às celebrações litúrgicas se procedia a abluções. No ritual da missa, terminado o Ofertório, o bispo passava as mãos por água, costume antigo, atestado pelas

Constituições Apostólicas e por Cirilo de Jerusalém.³⁵ Na Hispânia era o diácono que servia o bispo neste ofício, enquanto o subdiácono oferecia a água aos padres e aos diáconos para o mesmo uso. O bispo regressava depois ao altar. Também num texto do século VIII, *Instrução do bispo...*, se aconselha “que haja um lugar preparado ou no *secretarium* ou junto ao altar onde se derrame água quando se lavam os vasos sagrados e aí esteja preparado um recipiente limpo com água onde o sacerdote lava as mãos depois da comunhão”.³⁶ Assim, este possível *lauacrum* poderia ter estado colocado no espaço onde se encontrava o altar, ou numa sacristia próximo dele, servindo como “sumidouro” para escoamento de águas usadas em abluções. Sendo a casa da assembleia dos crentes (*domus ecclesiae*) o lugar privilegiado para a dispensação dos sacramentos ou celebração que se efectua em torno da mesa eucarística, esta é colocada em lugar de destaque no interior do espaço basilical, onde todos os elementos componentes, quer arquitectónicos quer de mobiliário litúrgico, adquirem uma significação simbólica enfatizada pela decoração que lhes é atribuída. ●

35. Constituições Apostólicas, L. VIII, c. XI; Cirilo de Jerusalém, *Catech. Mystag.*, V (cf. LECLERCQ, DACL, t. XI, MESSE – LA MESSE MOZARABE, col. 679).

36. *Anonymi Sæculi VIII – Commonitorium cujusque episcopi...* X – “*Locus in secretario vel juxta altare sit præparatus, ubi aqua effundatur quando sacra vasa abluuntur, ibique vas nitidum cum aqua pendeat, ubi sacerdos manus lavet post communionem*” In PL, 96, 1375-1376 (cf. ROQUE, 1999: 32, TEXTO 7).

Bibliografia

ALMEIDA, C. A. F. de (1988) – *Arte da Alta Idade Média. HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL*, Volume 2, Lisboa: Publicações Alfa.

ALMEIDA, F. (1962) – *Arte Visigótica em Portugal*. In *O Arqueólogo Português*, (Lisboa), Nova Série 4 (separata).

ALMEIDA, M. A. F. (1987) – *Escultura arquitectónica e funerária dos séculos IV ao VIII, a sul do Tejo*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. (exemplar policopiado).

CRUZ VILLALÓN, M. (1985) – *Mérida Visigoda. La Escultura Arquitectónica y Litúrgica*, Badajoz: Departamento de Publicaciones de la Excm. Diputación Provincial de Badajoz, Colección «Roso de Luna» nº 2.

DICTIONNAIRE D'ARCHÉOLOGIE CHRÉTIENNE ET DE LITURGIE (DACL), Paris, 1924-1953.

GRABAR, A. (1966) – *Le Premier Art Chrétien (200-395)*, Paris : Gallimard.

LECLERCQ, H - DICTIONNAIRE D'ARCHÉOLOGIE CHRÉTIENNE ET DE LITURGIE (DACL), Paris, 1924-1953.

LOPES, V. (2003) – *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*. Mértola: Edição Campo Arqueológico de Mértola.

MACIEL, M. J. (1993) – *Arte Romana Tardia e Paleocristã em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte da Antiguidade apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1993.

MACIEL, M. J. (1996) – *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa.

MACIEL, M. J. (2005) – Olhares do Historiador da Arte perante o discurso original do Cristianismo. In *Revista de História da Arte*, Nº 1 (2005) (MACIEL, M. J. ; SILVA, R. H., dir.), Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL, Edições Colibri, p.15-45.

METZGER, C. (1991) – Le mobilier liturgique. In *Naissance des arts chrétiens. Atlas des Monuments Paléochrétiens de la France*, Paris: Ed. Imprimerie Nationale, p. 256-267.

RETA, J. ; MARCOS CASQUERO, M. A. (1994) – *San Isidoro de Sevilla – Etimologias, II (Livros XI-XX)*. Texto latino, versão espanhola, notas e índices, 2ª ed. Madrid : Biblioteca de Autores Cristianos.

PINTO, R. S. (1932) – Restos Visigóticos de Elvas e Campomaior. In *A Águia* (XX ano), Porto, Separata nº 2.

PONTE, S. (1992) – Presença Paleocristã em Tomar. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa 1992). Barcelona, 1995, p.515-520.

PUERTAS TRICAS, R. (1975) – *Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII), Testimonios literarios*, Madrid: Ministério de Educación y Ciencia.

REAL, M. L. (2006) – A escultura decorativa em Portugal : O Grupo Portucalense. In *Anejos de Archivo Español de Arqueologia*, XLI, p.133-170.

ROQUE, M. I. R. (1999) – *Do Altar Cristão. A Evolução até à Fixação do Modelo pela Reforma Católica*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, orientada pela Prof. Doutora Maria Natália Correia Guedes, apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa (policopiado).

SCHLUNK, H.; HAUSCHILD, Th. (1978) – *Hispania Antiqua. Die Denkmäler der frühchristlichen und westgotischen Zeit*. Mainz am Rhein.

TORRES, C.; [et al.] (1991) – *Museu de Mértola, I, Núcleo do Castelo*. (Catálogo). Edição do Campo Arqueológico de Mértola.

TORRES, C.; [et al.] (1993) – *Núcleo visigótico. Museu Regional de Beja*. (Catálogo). Museu Regional de Beja/Assembleia Distrital de Beja.

WRENCH, L. N. C. (2001) – Os dias da semana no contexto cultural e artístico da Antiguidade Tardia. In *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Lisboa: Edições Colibri, p.707-716.